

*Andamios del psicoanálisis: lenguaje vivo y lenguaje muerto
en las teorías psicoanalíticas.*

Ricardo Rodulfo

Buenos Aires, Argentina: Paidós, 2013, 288 págs.

Andaimes da psicanálise: desconstruções a partir da proposta de Ricardo Rodulfo

*Psychoanalysis scaffolding:
deconstruction based on
Ricardo Rodulfo's proposal*

665

Sandra Djambolakdjian Torossian*¹

Ricardo Rodulfo, psicanalista argentino contemporâneo, mais conhecido no Brasil pelas suas obras traduzidas: *O brincar e o significante: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce* (1990), e *Desenhos fora do papel: da carícia à leitura escrita na criança* (2004), vem realizando um trabalho que ele denomina desconstrução da psicanálise tradicional. Um dos últimos textos dedicados a esse fim é o livro *Andamios del Psicoanálisis: lenguaje vivo y lenguaje muerto en las teorías psicoanalíticas* (2013), ainda sem tradução para o português.

*¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS, Brasil).

A desconstrução formulada por Rodolfo sustenta-se na proposta de Jacques Derrida. Numa crítica àquela psicanálise que anda em “linhas retas”, Rodolfo toma a psicanálise em todas as suas vertentes e vértices, como um sistema teórico no qual os vários autores e as várias “linhas” podem estar em conexão. Ao grifar a posição do autor perante o texto destacamos uma leitura sustentada no trânsito entre diversos teóricos da psicanálise. É esse um ponto no qual muitos psicanalistas justificariam a necessidade de filiação a uma “linha”. Rodolfo, no entanto, afirma a necessidade da desconstrução da hierarquia opositiva. No trânsito entre textos o autor olha também para o “prazo de validade” dos conceitos ao perguntar se algumas das propostas conceituais da psicanálise não teriam sua validade caducada cedendo lugar a outras em função do espaço-tempo na qual foram concebidas.

Nessa direção, Rodolfo recorre a Foucault e Deleuze para movimentar o campo, incorporando as críticas e revendo o *corpus* da psicanálise sem produzir ali fendas intransponíveis que derivariam numa antipsicanálise. Dividido em três partes, além do prefácio, o livro realiza um percurso desconstrutivo em 17 capítulos.

666 O tema do pai, afirma Rodolfo, nem sempre foi produtivo para a psicanálise. Convidando Deleuze para essa conversa, retoma a crítica à centralidade que o tema da paternidade assume na política da psicanálise. Rodolfo sustenta que ao reivindicar o lugar paterno, Freud deixou de reconhecer um trabalho compartilhado com outros profissionais e com os pacientes. O autor pergunta se seria possível desprivatizar a psicanálise devolvendo-a à circulação na vida cultural.

Através desse questionamento abre-se a passagem para a primeira parte do livro, dedicada a trabalhar com a *différance* no texto de alguns temas psicanalíticos e nos pressupostos científicos que os sustentam. É o caso de voltar a olhar — diferenciando e diferindo — temas como o complexo de Édipo, o incesto, a especularidade e o brincar, ressaltando a passagem do modelo da física mecânica, no qual Freud sustentou boa parte das suas contribuições, para o modelo da física quântica. Nessa torção novos modos de olhar o mundo se produzem, assim como podem ser produzidas variações nos modos de olhar da psicanálise.

A segunda parte do livro, apresentada em oito capítulos, apresenta variações produzidas nos modos de subjetivação da infância e adolescência e suas consequências na clínica com crianças e jovens. Além disso, Rodolfo retoma aqui um trabalho que vem desenvolvendo desde seus primeiros textos em relação à função do brincar na constituição subjetiva. Sempre partindo de interrogações produzidas na clínica, retoma a elaboração das suas teses sobre

RESENHAS BIBLIOGRÁFICAS

o brincar, nas quais Winnicott é um dos seus grandes interlocutores. Na psicanálise com crianças, sustenta, há dois tempos: antes e depois de Winnicott. O antes e o depois não se situam numa lógica da cronologia, mas a partir do que se entende ser uma criança e do efeito que as crianças produziram na psicanálise.

No tempo *antes* a psicanálise é introduzida na criança; já no tempo *depois* a criança é introduzida no interior da psicanálise. Aqui vale uma analogia que o autor vem utilizando em alguns tempos de sua escrita: assim como uma casa não fica a mesma depois de passarem por ela as crianças, não é possível que a psicanálise fique sem se modificar ao brincarem nela as crianças.

Após o trabalho desconstrutivo em relação à temática da subjetivação e da clínica com crianças e adolescentes, o último capítulo é dedicado à discussão psicopatológica. No texto denominado “Sonatina”, trabalham-se os temas da normalidade, loucura e saúde. Ressaltando a resistência recíproca entre loucura e normalidade, a saúde é colocada como terceiro possível.

Várias são as temáticas presentes nesse livro, discutidas à luz da desconstrução. Fios que vêm se desdobrando nos seus textos há alguns anos são retomados aqui para mais um giro analítico na perspectiva aberta por Derrida. A suspensão de alguns temas, costumeiramente colocadas no centro da teoria psicanalítica, como o complexo de Édipo, é uma das vias da desconstrução que o autor propõe em “Psicanálise sem centro”. É nessa trilha que destacamos o terceiro capítulo provocativamente intitulado “La prescripción del incesto”.

Nesse capítulo, Rodolfo convida Foucault a ingressar no texto psicanalítico com suas ideias mais críticas em relação ao “Édipo”. Alertando sobre a necessidade de articular a experiência clínica com a cultura na qual ela tem lugar, Rodolfo se propõe a desconstruir a noção segundo a qual entende-se que “se há cultura é pela proibição do incesto”. Um dos modos de realizar esse trabalho é substituir o ponto final afirmativo por uma interrogação. O diálogo com Foucault permite discutir o caráter negativo que se tem atribuído ao incesto quando ele é lido somente como ação de desalojar, recalcar, reprimir e barrar. Foucault defende que a proibição apresenta também um caráter positivo quando oferece caminhos e modelos, não se limitando meramente ao “não”. Devemos salientar aqui que muitas dessas produções devem-se mais às leituras que se tem realizado dos textos clássicos da psicanálise sobre a proibição do incesto do que necessariamente às formulações específicas de Freud ou Lacan, por exemplo.

A partir dessa concepção de negatividade e positividade da proibição do incesto, Rodolfo destaca o caráter de regulação que a proibição introduz.

667

Isso permite-lhe afirmar que a cultura proíbe parte do incestuoso, mas também promove algumas das suas manifestações.

Várias são as questões abertas e desdobradas por esse livro. Contribuições sempre geradas a partir da experiência clínica. Essa, parece-nos, é uma direção necessária à investigação psicanalítica. A perspectiva desconstrutiva nos obriga a colocar em questão nossas certezas, especialmente quando essas estão ancoradas em fundamentos dogmáticos que podem passar despercebidos. Trata-se de uma leitura que desacomoda, mas que pode fazer parte de uma produção legitimadora de ancoragens abrindo, também, espaço ao novo.

Citação/Citation: Torossian, S. D. (2018, setembro). Andaimos da psicanálise: desconstruções a partir da proposta de Ricardo Rodulfo. Resenha do livro *Andamios del Psicoanálisis: lenguaje vivo y lenguaje muerto en las teorías psicoanalíticas*. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 21(3), 665-668. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2018v-21n3p665.14>.

Editores do artigo/Editors: Profa. Dra. Sonia Leite e Profa. Dra. Marta Regina de Leão D'Agord

Recebido/Received: 15.8.2018 / 8.15.2018 **Aceito/Accepted:** 25.8.2018 / 8.25.2018

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original authors and sources are credited.

SANDRA DJAMBOLAKDJIAN TOROSSIAN

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Porto Alegre, RS, Br); Professora do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do PPG em Psicanálise: Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da mesma Universidade.

Rua Mariante, 650/302 – Rio Branco

90430-180 Porto Alegre, RS, Br.

djambo.sandra@gmail.com



This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.